

**Bianca Camargo Martins**  
**(Organizadora)**

# O Essencial da Arquitetura e Urbanismo 2



**Atena**  
Editora  
Ano 2019

Bianca Camargo Martins

(Organizadora)

# O Essencial da Arquitetura e Urbanismo 2

Atena Editora

2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação e Edição de Arte:** Lorena Prestes e Karine de Lima

**Revisão:** Os autores

### Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

E78 O essencial da arquitetura e urbanismo 2 [recurso eletrônico] /  
Organizadora Bianca Camargo Martins. – Ponta Grossa (SP):  
Atena Editora, 2019. – (O Essencial da Arquitetura e Urbanismo;  
v. 2)

Formato: PDF  
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader  
Modo de acesso: World Wide Web  
Inclui bibliografia  
ISBN 978-85-7247-266-1  
DOI 10.22533/at.ed.661191704

1. Arquitetura. 2. Planejamento urbano. 3. Urbanismo. I. Martins,  
Bianca Camargo. II. Série.

CDD 720

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de  
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos  
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

Nos dias de hoje, é muito discutido o papel social da Arquitetura e do Urbanismo. Por muitos anos, o papel social foi interpretado apenas como a arquitetura específica para as camadas populacionais de menor renda, sem acesso ao mercado formal de moradias – e de arquitetura. Porém, com a crise urbana em que vivemos atualmente, onde grandes parcelas da população não tem acesso às “benesses” do espaço urbano, essa discussão voltou à tona.

Muito mais do que levar a arquitetura para os mais necessitados, devemos reinventar nossa prática profissional para sermos os agentes transformadores da sociedade atual e enfrentarmos os desafios, sociais, políticos e econômicos que estamos vivenciando diariamente em nossas cidades.

Esta edição de “O Essencial de Arquitetura e Urbanismo 2” apresenta experiências das mais diversas áreas da arquitetura e urbanismo, como: arquitetura, ensino, conforto ambiental, paisagismo, preservação do patrimônio cultural, planejamento urbano e tecnologia. Assim, busca trazer ao leitor novos conceitos e novas reflexões para a prática da arquitetura e do urbanismo.

Neste contexto, é abordada desde as metodologias pedagógicas ativas a serem utilizadas no ambiente escolar até a compatibilização de projetos com o uso da Metodologia BIM (Building Information Modeling). A acessibilidade é abordada a partir de diversas perspectivas: desde um edifício isolado até a acessibilidade de uma cidade, evidenciando a importância da discussão nos dias de hoje. Cabe destacar também os estudos de análise de edificações culturais e de cenografia de exposições e performances. A relação da cidade com o seu patrimônio cultural é tratada em diversos capítulos, desde a gestão patrimonial até a utilização de cemitérios como espaços de memória – uma iniciativa prática que demonstra que a arquitetura, assim como a cultura, está em todos os lugares. Dou ênfase também à importância dada ao patrimônio imaterial, tema de extrema relevância e que é, muitas vezes, desvalorizado pelo poder público.

A discussão sobre a dinâmica dos espaços urbanos é extensa e deveras frutífera. Nesta edição, os capítulos focam na importância da arborização urbana para o bem estar da população, na participação popular nas discussões sobre a cidade, na problemática da existência de vazios urbanos em áreas urbanas consolidadas, nas estratégias de *city marketing*, na cidade global e demais temas que comprovam a multiplicidade de questões e formas de análise que envolvem a discussão sobre a vida urbana.

Por fim, são apresentados estudos sobre novas tecnologias e materiais voltados ao desenvolvimento sustentável, especialmente no tocante à gestão de resíduos da construção civil e à mitigação de riscos e desastres.

Convido você a aperfeiçoar seus conhecimentos e refletir com os temas aqui abordados. Boa leitura!

**Bianca Camargo Martins**

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
CONTRIBUIÇÕES DOS ANAIS PARA PRODUÇÃO E REPRODUÇÃO DO CONHECIMENTO EM ARQUITETURA E URBANISMO	
Sofia Pessoa Lira Souza Augusto Aragão Albuquerque	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6611917041</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>13</b>
INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS E AS METODOLOGIAS PEDAGÓGICAS ATIVAS NA ESCOLA DO SÉCULO XXI	
Roberta Betania Ferreira Squaiella Roberto Righi	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6611917042</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>29</b>
PROJETO DO FÓRUM ELEITORAL DE AFUÁ, O LUGAR SOB O PONTO DE VISTA DOS USUÁRIOS	
Angelo Pio Passos Neto Ana Klaudia de Almeida Viana Perdigão	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6611917043</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>44</b>
PROCESSO DE PROJETO CENTRADO NO USUÁRIO: PENSANDO A ACESSIBILIDADE	
Vanessa Goulart Dorneles Isabela Fernandes Andrade	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6611917044</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>61</b>
ACESSIBILIDADE NA RESIDÊNCIA UNIVERSITÁRIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO	
Lília Caroline de Moraes Cecília de Amorim Pereira Eduardo Raimundo Dias Nunes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6611917045</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>71</b>
WRIGHT E SIZA: DOIS MUSEUS E O VISITANTE	
Andrya Campos Kohlmann Douglas Vieira de Aguiar	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6611917046</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>93</b>
ENTRE O SÍMBOLO DO FASCIO - O PAVILHÃO FASCISTA EM SÃO PAULO	
Gustavo de Almeida Sampaio	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6611917047</b>	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>106</b>
A POESIA CÊNICA DE FLÁVIO IMPÉRIO: BREVE ANÁLISE DA CENOGRAFIA DE 'ROSA DOS VENTOS', DE MARIA BETHÂNIA (1971)	
Carlos Eduardo Ribeiro Silveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6611917048</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>122</b>
CURADORIA COLETIVA E MEDIAÇÃO CULTURAL NA ELABORAÇÃO DA EXPOSIÇÃO: "DO ECLETISMO AO CONTEMPORÂNEO"	
Alexandre Sônego Carvalho	
Ana A. Villanueva Rodrigues	
Geise Brizotti Pasquotto	
Jéssica Priscila Grando	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6611917049</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>131</b>
INDICADORES DE SUSTENTABILIDADE NA AVALIAÇÃO PÓS-OCUPAÇÃO DE ECOVILAS: O CASO BEDZED	
Emiliana Rodrigues Costa	
Alexandre Pajeú Moura	
<b>DOI 10.22533/at.ed.66119170410</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>145</b>
WAYFINDING: FERRAMENTA DE PROJETOS NA GESTÃO HOSPITALAR	
Guilherme Gattás Bara	
José Gustavo Francis Abdalla	
Márcia Moreira Rangel	
<b>DOI 10.22533/at.ed.66119170411</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>152</b>
TRANSFORMATIONS TO THE CLOISTERS AND THRESHOLD OF PAVILIONS IN HOSPITALS OF MEXICO	
María Lilia González Servín	
<b>DOI 10.22533/at.ed.66119170412</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>160</b>
CONJUNTO ESCOLA PARQUE: PATRIMÔNIO MATERIAL DA BAHIA E REFERÊNCIA PARA CONJUNTOS ESCOLARES NO BRASIL	
Roberta Betania Ferreira Squaiella	
Roberto Righi	
<b>DOI 10.22533/at.ed.66119170413</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>177</b>
NOTAS PARA O ESTUDO DE CAPELAS DO CICLO DO OURO EM MINAS GERAIS	
Elio Moroni Filho	
<b>DOI 10.22533/at.ed.66119170414</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>198</b>
A PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO EDIFICADO EM COLATINA E SUA TRAJETÓRIA	
Alexandre Valbuza Almeida	
<b>DOI 10.22533/at.ed.66119170415</b>	

<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>214</b>
ESTUDO DAS ARGAMASSAS ANTIGAS DA IGREJA DE N. S <sup>a</sup> DO ROSÁRIO DOS HOMENS PRETOS EM SÃO CRISTÓVÃO SE/BR	
Eder D. da Silva Adriana D. Nogueira Taina G. dos Santos Gabriela de M. Rabelo Maisa da R. Rocha	
<b>DOI 10.22533/at.ed.66119170416</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>229</b>
A INSERÇÃO DOS CEMITÉRIOS NA HISTÓRIA DA CIDADE DE BELÉM NO SÉCULO XIX	
Amanda Roberta de Castro Botelho	
<b>DOI 10.22533/at.ed.66119170417</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>245</b>
ITINERÁRIOS DA MEMÓRIA: O CEMITÉRIO COMO ESPAÇO DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL	
Marcelina Das Graças De Almeida	
<b>DOI 10.22533/at.ed.66119170418</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>257</b>
AS TESSITURAS DA MEMÓRIA E A CONSTRUÇÃO IMAGINÁRIA DO ESPAÇO: HISTÓRIA ORAL E PATRIMÔNIO NA PEDREIRA PRADO LOPES	
Alexandra Nascimento Alex César de Oliveira Fonseca Ingrid Nayara Brito Jhonatan Ribeiro Santos Letícia Ferreira D'Angelo Martin Nicolas Rodriguez Stenia Carvalho Pessoa Talita Freitas de Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.66119170419</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>272</b>
O CRESCIMENTO DAS AÇÕES DE PROTEÇÃO DO PATRIMÔNIO IMATERIAL	
Monique Avelino Damaso	
<b>DOI 10.22533/at.ed.66119170420</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>284</b>
FESTA DE SANTA CRUZ EM OURO PRETOA TRADIÇÃO CULTURAL COMO ELEMENTO DE IDENTIDADE E APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO URBANO PELA COMUNIDADE	
Letícia Campos Figueiras Fabiana Mendes Tavares Jacques	
<b>DOI 10.22533/at.ed.66119170421</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>300</b>
MEMÓRIA OU NOSTALGIA? AS RELAÇÕES CIDADE-EMPRESA NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX: UM ESTUDO DE CASO DA SIDERURGIA EM MINAS GERAIS	
Ronaldo André Rodrigues da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.66119170422</b>	

<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>315</b>
UMA RUA DE MUITOS LUGARES - ROTEIRO PELO CENTRO HISTÓRICO DE CUIABÁ	
Lúcia de Fátima Lobato Ferreira	
Francisco de Assis Pereira de Araújo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.66119170423</b>	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>326</b>
GESTÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL: DIAGNÓSTICO DA ATUAÇÃO DO ESTADO EM SÍTIO TOMBADO	
João Gustavo Andrade Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.66119170424</b>	
<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>351</b>
CONSELHO DE PATRIMÔNIO CULTURAL COMO AGENTE DA CONSERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO E DA MEMÓRIA SOCIAL: ESTUDO DE CASO DO CMPC EM PIEDADE DO RIO GRANDE-MG	
Jucilaine Neves Sousa Wivaldo	
Gilson Camilo de Sousa Neto	
João Batista de Sousa Neto	
<b>DOI 10.22533/at.ed.66119170425</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>363</b>

## A PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO EDIFICADO EM COLATINA E SUA TRAJETÓRIA

### Alexandre Valbuza Almeida

Arquiteto e Urbanista formado pelo Centro  
Universitário do Espírito Santo  
Colatina - Espírito Santo

**RESUMO:** O presente trabalho tem a intenção de pesquisar a respeito do processo de desenvolvimento das políticas públicas de preservação do patrimônio cultural em Colatina, Espírito Santo, especificamente o patrimônio edificado. Posteriormente averiguar como o desenvolvimento urbano da cidade, influenciou na condição atual do patrimônio arquitetônico da área central da cidade. Devido as fortes chuvas que atingiram Colatina entre os anos de 2013 e 2014, grande parte dos registros e documentações a respeito da história e desenvolvimento da cidade foram perdidos, tornando a coleta de dados mais árdua. Observa-se, desde então, o aumento dos percalços à obtenção de informações. Cabe salientar que o trabalho está baseado em análise bibliográfica e sistematização de informações obtidas através de documentos, material iconográfico, entrevistas e levantamento de campo. A pesquisa apresenta-se como um campo vasto de possibilidades, uma vez que há pouco autores e pesquisadores do tema. Nota-se também que a falta de revitalização dos prédios históricos tem acarretado situações para a desvalorização dos

imóveis em nível patrimonial. Por fim, considera-se que a relevância acadêmica deste trabalho se dá na perspectiva de poder contribuir como fonte para outras pesquisas voltadas para essa temática.

**PALAVRAS-CHAVE:** Patrimônio, história, memória, cultura, arquitetura.

**ABSTRACT:** This paper intends to investigate about the process of development of the public policies of preservation of the cultural heritage in Colatina, Espírito Santo, specifically the built heritage. Subsequently, to inquire how the urban development of the city, influenced over the current condition of the architectural heritage of the central area of the city. Due to heavy rains that hit Colatina between 2013 and 2014, much of the records and documentation regarding the city's history and development were lost, making data collection more demanding. Since then, there has been an increase in the difficulty in obtaining information. It should be noted that this work is based on bibliographic analysis and systematization of information gathered through documents, iconographic material, interviews and field analyses. The research presents itself as a vast field of possibilities, since there aren't many authors and researchers on the theme. It is also noted that the lack of revitalization of historic buildings has led to situations for the devaluation of properties at the patrimonial

level. Finally, it is considered that the academic relevance of this work is given in the perspective of being able to contribute as a source for other research focused on this subject.

**KEYWORDS:** Heritage, history, memory, culture, architecture.

## 1 | CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Colatina é um município localizado na região Noroeste do Estado do Espírito Santo, com uma população estimada em aproximadamente 120 mil habitantes. A sede do município está situada no Vale do Rio Doce, aproximadamente 135 quilômetros da capital, Vitória. O surgimento de Colatina remonta ao final do século XIX, com a chegada de colonizadores italianos à região. Mas foi somente em 1921 que a então Vila de Colatina foi promovida a município. Atualmente, Colatina é polo regional de referência no Estado, com destaque nas áreas de saúde e educação. Destaca-se, também, na economia do município, a indústria do vestuário, seguida pela indústria moveleira. A agricultura tem o café conilon como seu principal produto, além da fruticultura e hortigranjeira (IBGE, 2010).

O município é cortado pelas rodovias ES-080 e BR-259 e pela ferrovia Vitória a Minas, o que criou condições para a cidade crescer e desenvolver economicamente, como centro regional de comércio e serviços. Colatina comercializa grande parte da produção cafeeira de municípios vizinhos, além de possuir um terminal de cargas que integra os modais ferroviário e rodoviário, dando suporte à produção de rochas ornamentais e eucalipto da região (IBGE, 2010). Um dos períodos de grande crescimento da cidade foi após a construção da Estrada de Ferro Vitória a Minas (EFVM), que propiciou ao município comunicação direta com a capital do Estado, Vitória.

A aceleração do processo de urbanização e de adensamento das áreas urbanas, em função do capital imobiliário, faz com que os bens históricos se percam em meio ao crescimento urbano, favorecendo a descaracterização, abandono e até mesmo a perda do patrimônio histórico da maioria das cidades, bem como Colatina. Este trabalho tem como objetivo compreender a origem e formação do patrimônio histórico, artístico e cultural colatinense e posteriormente, averiguando o estado de conservação e originalidade do patrimônio arquitetônico apresentado.

Em termos metodológicos, o trabalho está fundamentado em pesquisa bibliográfica sobre o tema abordado, levantamento e sistematização de informações obtidas através de pesquisa em documentos e periódicos da época, material iconográfico, entrevistas e levantamento de campo. As informações obtidas foram estruturadas segundo o tema, que norteia o objetivo do trabalho: a preservação do patrimônio edificado em Colatina e sua trajetória. Partindo dessa premissa, buscou-se analisar o patrimônio histórico enquanto fenômeno na formação e desenvolvimento da cidade.

A relevância acadêmica deste trabalho se dá na perspectiva de poder contribuir

como fonte para outras pesquisas voltadas para essa temática. Dentro da relevância social, destaca-se a possibilidade de ser feita uma divulgação à sociedade em geral, via digital ou impressa, levando as pessoas a terem outro olhar, interesse e curiosidade a respeito do desenvolvimento de Colatina e seu patrimônio.

## 2 | GÊNESE DO MUNICÍPIO

A história do desbravamento do município de Colatina está intimamente ligada às tentativas de colonização do Vale do Rio Doce e à retirada das aldeias indígenas dessa região. A presença dos primeiros imigrantes italianos na região de Colatina começou a ocorrer em 1889, e foi essencial para que as ocupações dessas terras ocorressem efetivamente. Segundo Teixeira (1974), na área hoje ocupada pelo distrito de Boapaba, antiga Vila de Mutum, estava localizado o núcleo colonial Senador Antônio Prado, criado pelo Governo Imperial, a fim de receber os primeiros imigrantes italianos. A partir desse núcleo colonial, as seções começaram a se desenvolver; no entanto, uma prosperou mais que as outras: o chamado Barracão ou Arraial do Rio Santa Maria.

Quanto à formação da Vila de Colatina, seu início se deu principalmente em 1888 com a chegada do vapor Adria, que trouxe os primeiros colonos italianos. Os vapores eram praticamente os únicos meios de transporte para a nascente Vila de Colatina, encravada na localidade denominada Arraial de Santa Maria, hoje bairro Colatina Velha (MADURO, 2001, p. 13).

O Barracão do Rio Santa Maria, que se localizava no atual Bairro Colatina Velha, município de Colatina, prosperou devido à facilidade no escoamento da produção agrícola, através do Rio Doce. Esse Barracão serviu para que o Governo conduzisse e alojasse os imigrantes, logo à sua chegada, e onde, em geral, permaneciam por muitos meses. Posteriormente, o Barracão, possibilitou a escolha do local da primeira igreja e residências na região, por volta de 1892. Em 1899, quando já havia um número bastante considerado de casas próximas ao Barracão do Rio Santa Maria, foi criada a Vila de Colatina, subordinada ao município de Linhares (Teixeira, 1974).

No início do século XX, a Vila de Mutum era considerada o núcleo mais importante da região. A Vila de Colatina, entretanto, logo passou a se transformar no principal núcleo, devido à facilidade do transporte agrícola através do Rio Doce; a Vila também se tornou referência dos imigrantes no caminho para a colonização das terras ao norte do Estado. Contudo, segundo Ribeiro (1996), a perda de importância e o declínio da Vila de Mutum ocorreram, principalmente, com a chegada da Estrada de Ferro Vitória a Minas (EFVM), em 1906. O escoamento da produção do café tornou-se mais viável pelo trem, que tinha parada na Vila de Colatina.

### 3 | A CHEGADA DA MARIA FUMAÇA

De acordo com Ribeiro (1986), a ligação ferroviária entre o interior de Minas Gerais e o Porto de Vitória teve origem na segunda metade do século XIX. Em fevereiro de 1902, o Governo Federal concedeu, através de um Decreto-Lei, a criação da Companhia Estrada de Ferro Vitória a Minas (CEFVM), e do primeiro trecho ferroviário, que ligava a cidade de Vitória-ES a Natividade-MG. No início do século XX, a primeira estação ferroviária de Colatina era inaugurada, mais precisamente em 20 de dezembro de 1906, localizada no quilômetro 128 da ferrovia, bem próxima à Vila de Colatina, onde hoje se encontra a Praça Municipal. Inicialmente, as cidades mais beneficiadas com a EFVM foram: Colatina-ES, Aimorés-MG, Conselheiro Pena-MG e Governador Valadares-MG, locais do surgimento das primeiras estações ferroviárias.

No dia imediato, ordenamos a roçada da capoeira e locamos a estação. A Vila edificada aquém, no espigão à margem direita do rio Doce, desde então passou a chamar-se Colatina Velha e a que, rapidamente, foi nascendo nas vizinhanças da estação, denominou-se Colatina Nova. A 20 de dezembro daquele ano de 1906, inaugurou-se o novo trecho construído ali (ALMEIDA, *apud*, MADURO, 2001, p. 10).

A Vila de Colatina começa a se desenvolver a partir de 1906, com a inauguração da Estação Ferroviária e da EFVM, que propiciou à Vila comunicação direta com a capital do Estado, por meio de transporte rápido e barato para sua produção, principalmente de madeira e café. O desenvolvimento econômico acelerado da Vila acabou abalando diretamente o município de Linhares, fazendo com que todo o comércio de grande parte de Minas Gerais e do Espírito Santo, que era feito em Linhares, passasse a ser feito em Colatina. Tal fato contribuiu para que, em 1907, a Vila de Colatina se transformasse na sede do município de Linhares. Essa situação dura até 1921, quando foi criado o município de Colatina, compreendendo todo o território que pertencia a Linhares, que passou a ser uma Vila, subordinada a Colatina (Ribeiro, 1996).

Outra importante ferramenta no desenvolvimento da cidade foi a construção da Ponte Florentino Ávidos, inaugurada em 1928, determinante na expansão norte de Colatina. A construção da ponte, segundo Teixeira (1974), estava prevista no plano de construção de uma estrada de ferro, que deveria fazer a ligação entre Colatina e o município de São Mateus, uma área até então pouco explorada no norte do Estado. Diante do malogro da implantação da estrada de ferro, a ponte passou a ser utilizada por pedestres, e, posteriormente para circulação rodoviária.

Antes da construção da ponte, a travessia do Rio Doce era somente feita de canoa, e o trajeto tinha duração de mais de uma hora. A região à margem norte do Rio era chamada de Francilvânia, e possuía algumas fazendas, onde habitavam poucos colonos. Aos poucos, após a construção da ponte, os fazendeiros foram vendendo suas terras para a implantação de novos loteamentos na cidade (Ribeiro, 1996). A ponte também foi um importante instrumento que facilitou o escoamento da produção de madeira e, com isso, expandindo ainda mais esse setor. A produção do café, a

partir de então, ganha mais importância no município, pois se aproveitava também das grandes áreas desmatadas com a produção da madeira.

Contudo, segundo Ribeiro (1986), somente a partir de 1942, com a criação da Vale, então Companhia Vale do Rio Doce (CVRD), diversas melhorias foram realizadas na EFVM. A primeira melhoria teria ocorrido na década de 40, com a remodelagem do traçado da ferrovia, entre Vitória e Colatina. Segundo Maduro (1989), um fato importante ocorrido nesse período, teria sido a relocação do Rio Santa Maria, através da remoção do “Morro das Cabritas” (elevação de terra, que existia onde hoje se encontra o Hospital e Maternidade Doutor Sílvio Ávidos), do centro da cidade. A fim de transpor o Rio, que tinha como leito natural a passagem pelo centro da Cidade, a CVRD se aproveita das terras formadoras da elevação montanhosa, levando as águas do Rio para o curso atual. Essa manobra serviu para encurtar o trecho da ferrovia pelo centro da cidade e na construção de uma área para a nova estação ferroviária, e, posteriormente, na formação de um novo bairro para a Cidade, o Esplanada.

Na intenção de melhorar as condições da linha férrea, em 1951, a CVRD inaugurou a nova Estação Ferroviária no Bairro Esplanada. A primeira estação localizada na Praça Municipal é desativada e demolida, abrindo caminho para o desenvolvimento no centro da Cidade, juntamente com a nova área criada (Ribeiro, 1986). Com o crescimento e desenvolvimento da cidade, a passagem do trem passa a ser prejudicial para os moradores e comerciantes locais, devido ao crescimento do fluxo de automóveis na região central, não dimensionada para o tráfego crescente, além do incômodo do pó de minério; passa-se, então, a cogitar de uma nova modificação na trajetória da EFVM em Colatina.

Assim em 24 de outubro de 1975, a CVRD, em parceria com o Município, retira os trilhos da EFVM do interior da cidade, levando a ferrovia para uma variante pela região sul, longe do centro de Colatina, que já se encontrava “asfixiado”. A relocação da ferrovia teve como principal objetivo o alisamento do território para a passagem dos fluxos da produção local. Sem dúvidas, a EFVM promoveu um grande desenvolvimento econômico em Colatina e além disso, o crescimento da cidade. Porém esse crescimento teria sido desordenado, sem qualquer planejamento urbanístico que projetasse a abertura de novas vias e a localização de áreas públicas, como praças (MADURO, 1985).

#### **4 | O DESAFIO DA PRESERVAÇÃO PATRIMONIAL COLATINENSE**

De acordo com Choay (2010), a importância de se fazer o resgate cultural, incluindo-se aí os valores e as tradições de determinada localidade se dão pela possibilidade de manter ativas as referências de identidade de um grupo social. A compreensão da história, de modo geral, está ligada às intervenções do homem com os bens considerados “patrimônios históricos”, no sentido de preservar, fazendo com que o passado interaja com o presente.

Para se preservar, é necessário, de antemão, delimitar, definir e esclarecer o que compunha o patrimônio histórico colatinense; para tal, foi aprovado o Decreto-Lei nº 5.257, de 14 de dezembro de 2006, onde ficaria criado o Conselho Municipal de Patrimônio Histórico, Artístico, Ambiental e Cultural, com a finalidade de promover, em todo território municipal, a permanência, o tombamento, a conservação, o enriquecimento e o conhecimento do patrimônio histórico e artístico.

Desde então, a política de proteção patrimonial municipal, veio se intensificando ao longo dos anos e consolidou-se com a elaboração de estudos, documentos, orientações jurídicas administrativas, além do efetivo uso dos diversos instrumentos de acautelamento disponíveis e previstos nas Leis Estaduais e Federais, que resultaram na elaboração de diversas leis preservacionistas ao longo dos anos.

Atualmente, a cidade já possui homologados, em esfera municipal, cerca de dez Decretos de Leis que declaram como patrimonial histórico, cultural e artístico, a preservação de áreas e edificações urbanas, que, de algum modo, caracterizarão a sociedade colatinense em seu contexto existencial.

EDIFICAÇÃO	LEI DE PRESERVAÇÃO
Catedral Sagrado Coração de Jesus	Decreto de Lei nº 5.246, de 25 de outubro de 2006
Câmara Municipal	Decreto de Lei nº 5.915, de 18 de dezembro de 2012
Escola Aristides Freire	Decreto de Lei nº 5.915, de 18 de dezembro de 2012
Iate Clube	Decreto de Lei nº 5.915, de 18 de dezembro de 2012
Estátua do Cristo Redentor	Decreto de Lei nº 6.167, de 07 de abril de 2015
Igreja Nossa Senhora Auxiliadora	Decreto de Lei nº 6.168, de 07 de abril de 2015
Casario da Avenida Getúlio Vargas	Decreto de Lei nº 6.172, de 22 de abril de 2015
Hospital e Maternidade Dr. Sílvio Ávidos	Decreto de Lei nº 6.173, de 22 de abril de 2015
Ponte de Ferro Agenor Alves	Decreto de Lei nº 6.174, de 27 de abril de 2015
Biblioteca Municipal	Decreto de Lei nº 6.175, de 27 de abril de 2015
Antiga Estação Ferroviária	Decreto de Lei nº 6.176, de 27 de abril de 2015
Antigo Vagão de Trem	Decreto de Lei nº 6.183, de 20 de maio de 2015

Quadro 1: Patrimônio Histórico e Arquitetônico de Colatina.

Fonte de dados: Prefeitura Municipal de Colatina (PMC). Elaborado pelo Autor.

Apesar da preocupação da política pública municipal, relacionado a preservação do patrimônio histórico, Colatina em seu âmbito jurídico não possui oficialmente nenhum patrimônio tombado, em todo seu território urbano. Porém, deve-se ressaltar que, em 2013, é criada a Resolução CEC nº 003 Estadual, que determina como Área de Proteção Ambiental e Cultural (APAC), a constituída formada pelo Sítio Histórico Urbano de Itapina e áreas de entorno, que se encontram no distrito de Itapina, que dista aproximadamente 36 km da sede do município de Colatina. O vilarejo possui

um conjunto histórico e paisagístico, resultante dos tempos áureos do café, que foi implantado ao longo do Rio Doce, apresentando casario em sua maioria datado da primeira metade do século XX, com relevante importância para a história capixaba (SECULT, 2016).

## 5 | QUATRO CONJUNTOS HISTÓRICOS E ALGO A MAIS

Para Lynch (2014), a cidade tem a capacidade de se transformar a cada instante que passa; estruturada por uma mistura complexa de construções geológicas, biológicas, sociais e linguísticas que não são mais do que mera acumulação de matérias moldadas e enrijecidas pela história. O contexto contemporâneo se depara, cada vez mais, com transformações sociais, econômicas e culturais, gerando uma sobrecarga de informações e percepções de difícil digestão para a sociedade na compreensão do passado (NARDI, 2015).

As edificações abordadas a seguir, representam as obras arquitetônicas que testemunharam a evolução histórica e urbana de Colatina. O patrimônio arquitetônico, está dividido em conjuntos, baseadas na proximidade entre os edifícios e no critério histórico de cada um. Importante ressaltar que é possível aumentar o grau de importância histórica de uma edificação quando a tratamos como um componente de um conjunto arquitetônico. Colatina não possui um patrimônio construído com apelo ou valor arquitetônico nacional, e poucos possuem um destaque estadual, a formação de conjuntos aumenta a importância dessas edificações isoladas.

O Conjunto I é formado pelas edificações resultantes da colonização do Município e se localiza no Bairro Colatina Velha. O Conjunto II traz consigo os edifícios formados a partir dos arredores da primeira Estação Ferroviária, inaugurada em 1906, que ficava localizada na Praça Municipal, representante da expansão territorial da Vila de Colatina. Já o Conjunto III, localizado no centro da Cidade, representa a expansão do Município a partir da Linha Férrea, que, posteriormente, deu origem à Avenida Getúlio Vargas e, conseqüentemente, à formação do comércio e novas edificações. O Conjunto IV marca a importância que a EFVM teve no desenvolvimento da cidade, servindo, assim, como um memorial, situado na Praça Sol Poente.

### 5.1 CONJUNTO I

A área formada pelo Conjunto abriga o núcleo histórico de fundação da Vila de Colatina. O Conjunto I possui como principal e único componente a Igreja Nossa Senhora Auxiliadora, marco inicial da ocupação do solo colatinense, situada no Bairro Colatina Velha, nas imediações onde fora construído o Barracão do Rio Santa Maria, que abrigou os primeiros imigrantes italianos, em 1888. Assim como ocorre na maior parte das cidades brasileiras, as primeiras residências da colônia foram construídas em torno da igreja erguida no final do século XIX, fato que ocorre também com as edificações públicas que até 1913 estavam todos situados na então Vila de Colatina,

hoje Bairro Colatina Velha (MADURO, 2001).

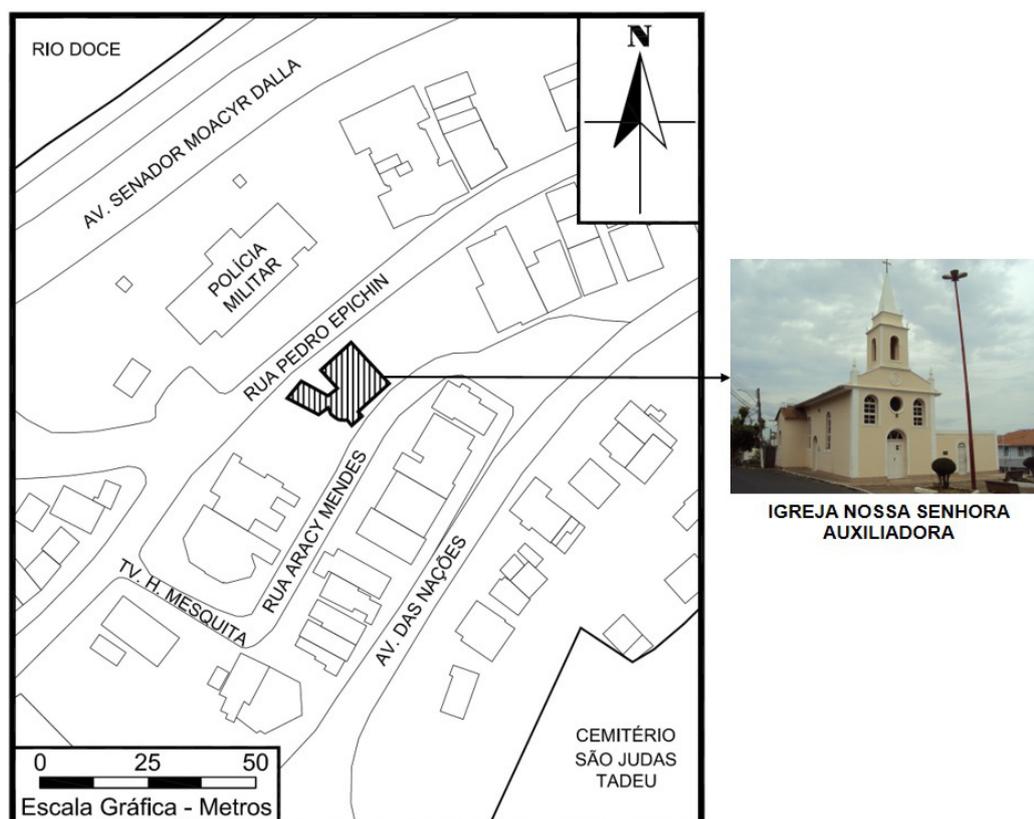


Figura 01: Mapeamento do Conjunto I.

Fonte de dados: Prefeitura Municipal de Colatina (PMC) e acervo do autor. Elaborado pelo Autor.

Como já mencionado, na década de 40 ocorreu uma remodelagem no traçado da EFVM, em todo o trecho que cortava o centro da cidade de Colatina. Durante as melhorias da ferrovia, ocorreram constantes explosões de rochas, na área próxima à Igreja, devido às necessidades de locação da linha férrea. As explosões acabaram por acarretar o comprometimento da estrutura da Igreja Nossa Senhora Auxiliadora, construída no final do século XIX. Em meados do século XX, o templo religioso foi demolido devido às suas más condições estruturais. Na década de 1950, se inicia a construção de uma nova igreja, erguida no mesmo local, porém com a fachada principal não mais voltada para o Rio Doce e com partido arquitetônico mais moderno, quando comparada com a antecessora (MADURO, 1988).

Apesar de a igreja não ser a mesma construída no início da congregação da Vila de Colatina, e não possuir o mesmo valor histórico de sua antecessora, o templo atual representa o marco da iniciação do núcleo de colonização, que, posteriormente, deu origem ao município.

## 5.2 CONJUNTO II

Fruto do desenvolvimento econômico da Vila de Colatina, o Conjunto II começa a ser formado a partir das imediações da estação ferroviária, inaugurada em 1906. Com Colatina se tornando oficialmente a sede municipal de Linhares, em 1907, a Câmara Municipal, bem como a Comarca e todo o aparelhamento judiciário, são transferidos para o Vilarejo, que exercia comunicação direta com a capital do Estado através da EFVM (RIBEIRO, 1996).

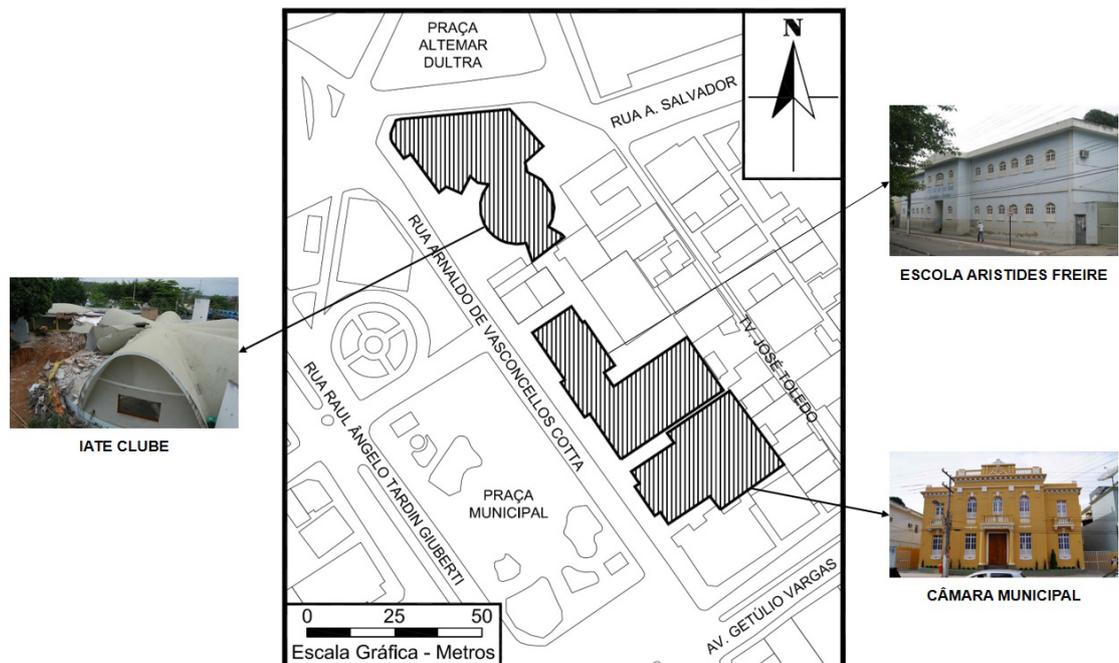


Figura 02: Mapeamento do Conjunto II.

Fonte de dados: PMC e acervo do autor. Elaborado pelo Autor.

Até 1913 todos os órgãos públicos funcionavam na Vila de Colatina, próximo a Igreja Nossa Senhora Auxiliadora. Com a expansão territorial da Vila, através da linha férrea e o desenvolvimento constante do comércio às margens da estação ferroviária, os equipamentos públicos deixam o núcleo de colonização e partem para o atual Centro da Cidade, denominando o local de “Colatina Nova”. Assim, por volta de 1913, se inicia a construção do edifício que servia para abrigar a Comarca de Colatina, e, posteriormente, serviria para a Câmara Municipal. O lugar escolhido para a construção da edificação foi exatamente às sombras da estação ferroviária, área bastante movimentada durante as paradas de trem, e ponto principal na formação do comércio local (MADURO, 1988).

O edifício da Câmara Municipal representa a introdução do ecletismo à Vila de Colatina, sendo um dos mais belos exemplares arquitetônicos da cidade, que se encontra em bom estado de conservação e originalidade. Sua fachada exuberante traz, em si, a marca do ecletismo através de alguns elementos decorativos, como: coluna dórica, balaústre, molduras, concha, rocalha, voluta, cachorro, entre outros.

A partir de 1913, começou a se formar, nos redores da estação ferroviária, um importante conjunto histórico, que teve como origem o edifício da antiga estação ferroviária, posteriormente, a edificação da Câmara Municipal. Com a instalação da Comarca na nova edificação construída, outras obras públicas também foram erguidas ao redor da estação, como a Escola Aristides Freires.

A primeira escola da Vila de Colatina teria sido a “Escola Reunidos”, que ficava localizada próxima a Igreja Nossa Senhora Auxiliadora. Devido ao crescimento constante da Vila e, conseqüentemente, do aumento da demanda por matrículas, em 1918, uma nova escola é erguida, agora, na Praça Municipal, ao lado da Comarca, o Grupo Escolar Aristides Freires. No início, a escola contava apenas com quatro salas de aula; mais tarde, foi ampliada e passou por várias reformas ao longo dos anos para suprir as necessidades do corpo acadêmico. Apesar das mudanças na edificação, a obra é considerada um importante patrimônio histórico para a cidade, já que ocupa o posto de uma das primeiras escolas da Vila de Colatina e única até 1939, quando foi fundado o Ginásio Conde de Linhares (MADURO, 1989).

Por fim, para encerrar o Conjunto, o late Clube, obra arquitetônica inaugurada em 1958, que tem como criador o arquiteto e engenheiro capixaba Marcelo Vivacqua. O clube foi inspirado na sinuosidade das obras de Oscar Niemeyer e conta com uma casca de concreto (quatro paraboloides hiperbólicos), com a ausência de vigas, toca o chão em apenas oito pontos, mostrando a complexidade estrutural da obra de concreto armado, que é seu atrativo (COSTA, 2015).

Devido a sua localização de grande valor comercial, no centro da cidade, em outubro de 2010, um grupo de associados do clube, decidiram durante a madrugada, demolir clandestinamente a construção, ocasionando a destruição de duas das oito pétalas que formam a cúpula principal. Tal fato ocorreu devido a um acordo firmado entre a Prefeitura e os antigos sócios, durante a construção do Clube, cujo terreno pertencente ao município, e foi doado para os associados, a fim de manter a obra para uso público. Logo após a tentativa de demolição do edifício, foi elaborado um projeto de tombamento do imóvel, o Decreto-Lei n. ° 62/2010, porém este não foi aprovado, devido aos problemas judiciais que o edifício vem sofrendo desde então.

O Clube é o mais importante exemplar do movimento moderno no município, devido ao seu aspecto formal singular; porém ele se encontra num estado de grande deterioração, devido ao processo de demolição. Percebe-se que a degradação e abandono da obra, representa a degradação da memória sociocultural e patrimonial de Colatina, privando a população do usufruto de todas as possibilidades oferecidas pelo local.

### 5.3 CONJUNTO III

A área ocupada pelo Conjunto III representa a expansão da Vila de Colatina, a partir de 1906, com a inauguração da estação ferroviária. Até então, tudo estava concentrado no núcleo de colonização, em Colatina Velha. A linha férrea propiciou

a ocupação de novas terras, partindo da estação em direção ao Rio Santa Maria. Essa urbanização, às margens da ferrovia, consequentemente veio a definir a Avenida Getúlio Vargas e, posteriormente, o centro da cidade. E é no centro que estão as obras formadoras do Conjunto III, que possui dois dos pontos mais emblemáticos do Município: a Catedral Sagrado Coração de Jesus e o Hospital e Maternidade Dr. Sílvio Ávidos.

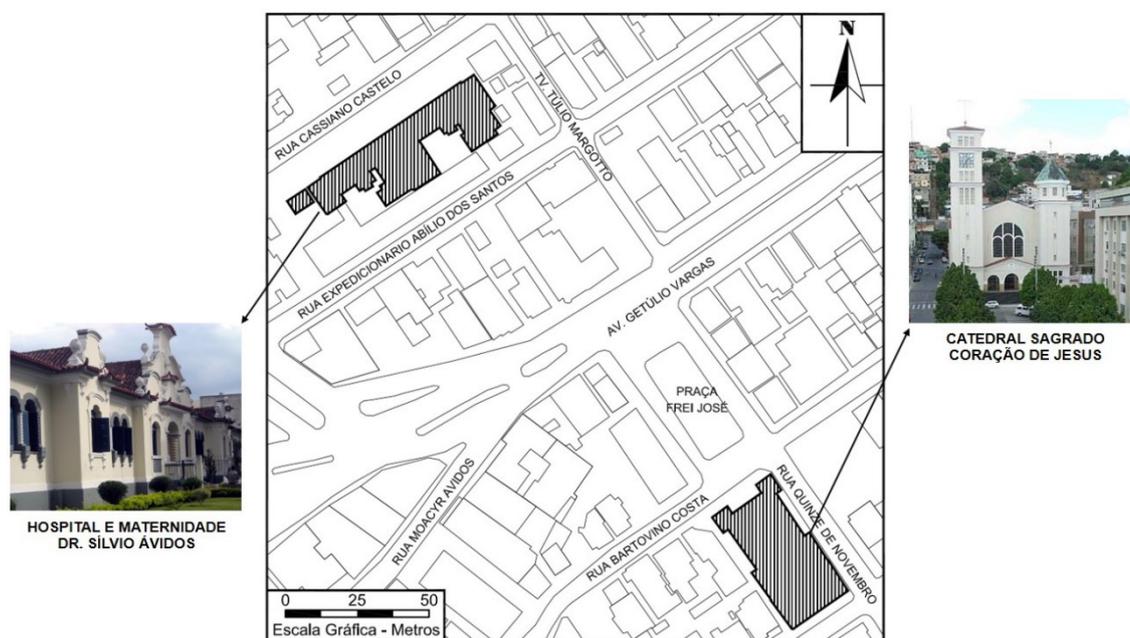


Figura 03: Mapeamento do Conjunto III.

Fonte de dados: PMC e acervo do autor. Elaborado pelo Autor.

Segundo Maduro (1989), o projeto da Matriz, hoje denominada Catedral, foi criação do engenheiro Calixto Benedito, o mesmo que teria projetado o Santuário de Aparecida, localizado em São Paulo. A pedra fundamental foi lançada em 1952, pela mão do então pároco Geraldo Meyers. Anos depois da construção concluída, no final da década de 80, foi criada a Diocese de Colatina e a então igreja matriz passou a ser chamada Catedral do Sagrado Coração de Jesus.

O edifício da Catedral é a única igreja da cidade que possui uma arquitetura peculiar, voltada para os princípios do movimento *art déco*. Suas fachadas são marcadas por traços fortes, estilizados através de linhas retas e circulares, com formatos geométricos e repetição de alguns elementos cúbicos. As paredes possuem enormes vãos de janelas, recobertos por vitrais coloridos, confeccionados e trazidos da Europa, que retratam passagens bíblicas e outros motivos religiosos.

Segundo Coêlho (2004), outra obra de importância histórica para o Município é o Hospital e Maternidade Dr. Sílvio Ávidos, localizado no centro da cidade é considerado um dos primeiros exemplares da arquitetura neocolonial no Estado do Espírito Santo. Inaugurado em 11 de setembro de 1949, pelo então presidente da República Marechal Eurico Gaspar Dutra, o hospital foi construído pelo Governo Federal, em parceria com

o Governo Estadual e a Legião Brasileira de Assistência (LBA). Após já ter passado 69 anos de sua inauguração, atualmente o hospital está vinculado ao Instituto Estadual de Saúde Pública (IESP).

O hospital está localizado no mesmo local onde existia o Morro das Cabritas, retirado na década de 40 pela CVRD, durante a relocação do Rio Santa Maria. A fachada principal do edifício, ainda apresenta as esquadrias originais, de madeira e vidro do tipo de abrir, com bandeiras em veneziana, com arcos e círculos variáveis. A cobertura é constituída de telhas cerâmica, que marcam um diferencial entre os anexos que já apresentam telhas de fibrocimento.

A partir das necessidades que surgiam de modernização dos equipamentos e instalações hospitalares, o edifício acabou passando por uma série de adaptações, tendo a de maior contraste visual ocorrido em 1954, na instalação do anexo para abrigar o pronto socorro, que já apresentava um estilo modernista com tendências para o funcional, destacando-se da mais antiga, em estilo neocolonial (COELHO, 2004).

#### 5.4 CONJUNTO IV

O Conjunto IV também pode ser chamado de “Conjunto Ferroviário”, devido à sua formação diretamente ligada à construção da EFVM, especificamente a partir da década de 40, na remodelagem do trecho que liga Colatina a Vitória, marcando, assim, a história do desenvolvimento da cidade. Na década de 80, após a retirada dos trilhos de trem do centro da cidade, a Vale, então Companhia Vale do Rio Doce, doa ao município de Colatina toda a área pertencente a ela, bem como os edifícios da antiga estação, o terminal de cargas, a ponte Agenor Alves e um antigo vão de trem, que formam, assim, o Conjunto Histórico Ferroviário.

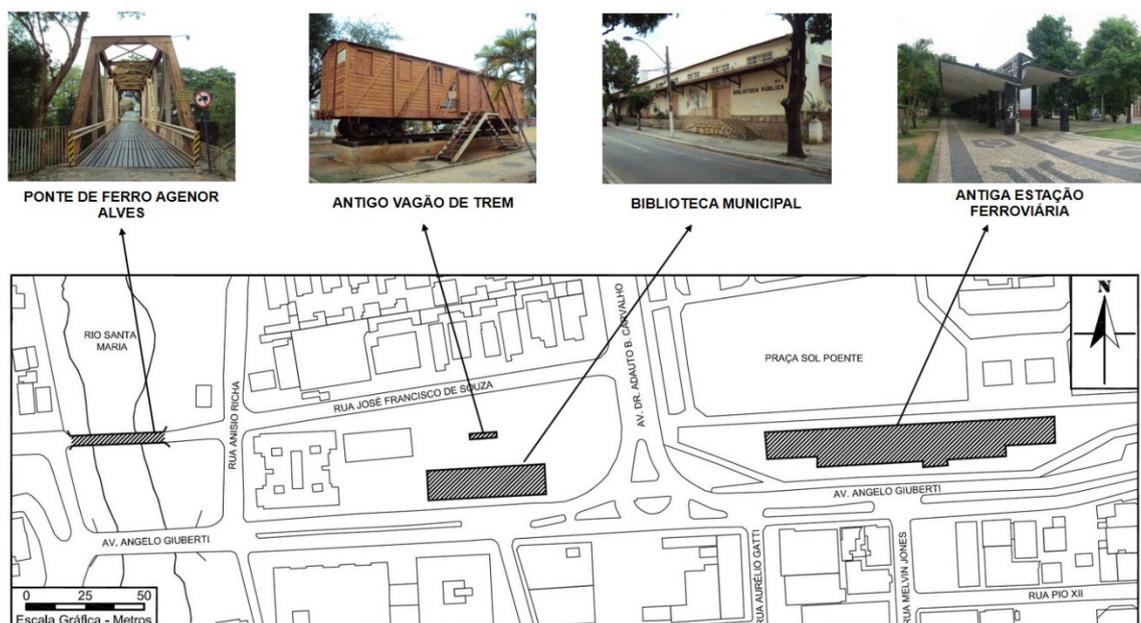


Figura 04: Mapeamento do Conjunto IV.

Fonte de dados: PMC e acervo do autor. Elaborado pelo Autor.

Em 1989, toda a área que pertencia à Vale passa por mudanças no caráter de reforma, onde foi construída uma área de lazer no pátio da antiga estação ferroviária, que viria a se chamar Praça Sol Ponte. O projeto inicial contava com a implantação de uma biblioteca municipal, que foi instalada no antigo armazém de cargas da Vale. Na edificação, foram preservadas as características originais do armazém em seu exterior; as principais mudanças foram feitas apenas na estrutura interna do prédio, para adaptá-lo à funcionalidade da biblioteca (MADURO, 1989).

Já o edifício da antiga estação ferroviária, apresenta algumas das características do movimento moderno, encontrados facilmente na fachada da edificação como a utilização de formas simples, geométricas, e desprovida de ornamentação, traçado retilíneo como ideal de industrialização, uso estrutural de concreto armado, panos de vidro contínuos nas fachadas em vez de janelas tradicionais. Ao longo dos anos, a edificação, já servil de apoio a diversas atividades do setor públicas, ocorrendo a última de 2002 a 2015, sendo um Centro Regional de Educação Aberto a Distância (CREAAD), que era coordenado pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Hoje, a edificação encontra-se abandonada e interditada pela Defesa Civil, devido as, mas condições da estrutura do edifício.

Outros dois elementos remanescentes da EFVM, que estão inseridas no Conjunto Ferroviário são a Ponte Agenor Alves e o antigo vagão de trem, também doações feitas pela Vale ao município. A ponte Agenor Alves, que transpõe o rio Santa Maria, é a terceira ponte construída pela Companhia Vale do Rio Doce na cidade. Feita em 1949 para a remodelação da nova ferrovia junto a construção da estação e do terminal de cargas, a ponte com mais de 60 anos, vem sofrendo por um processo contínuo de correção em toda sua estrutura, devido à falta de manutenção da obra.

O antigo vagão, também marco da EFVM no desenvolvimento do município; foi doado pela Vale à PMC após a retirada dos trilhos, em 1975. Atualmente o vagão encontra-se aos fundos da biblioteca (exatamente localizado sobre o eixo original da EFVM), e funciona como um memorial, porém abandonado, servido de abrigo a moradores de rua.

O Conjunto IV, formado pelas obras consequentes da EFVM, são de importância histórica e cultural, pois trazem consigo a memórias de uma época que marcou o desenvolvimento e progresso de Colatina, fazendo parte do contexto histórico, e somente puderam ser integrados ao município, graças à retirada dos trilhos da ferrovia ao longo da área central da cidade. Sua arquitetura, como já mencionado, foi pouco modificada, conservando, assim, as características originais das obras. Porém, nota-se um grande descaso do Poder Público e da própria sociedade, relacionado à preservação e valorização do Conjunto Férreo, devido a todas as edificações formadoras desse conjunto terem alguma parte de sua estrutura comprometida ou deformada.

## 6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a inundação ocorrida no fim do ano de 2013 e início de 2014 (que invadiu o centro da cidade), grande parte dos arquivos públicos relacionados às edificações históricas citadas nos conjuntos, como a Câmara Municipal, Escola Aristides Freires, late Clube, entre outras, foram perdidos. Desse modo, tornou-se praticamente impossível a obtenção de materiais originais referentes a essas obras, o que levou, conseqüentemente, à utilização de entrevistas a antigos moradores da cidade, na busca de maiores informações. Uma vez que a cidade não para no tempo estagnando seu progresso, crescimento e desenvolvimento, a falta de documentação histórica tornou a coleta de dados mais fastidiosa, evidenciando a importância das entrevistas ou narrativas na formação do trabalho, a fim de compreender melhor o contexto histórico do patrimônio.

O trabalho abordou a contemporaneidade e a relação que está exerce ao patrimônio histórico de Colatina, que muito se modificou ao longo de seu surgimento e crescimento. A ocupação do Município originou-se pela busca de novas terras produtivas na região norte do Espírito Santo, no final do século XIX, e o desenvolvimento da cidade foi impulsionado pela construção da ferrovia EFVM, em 1906, e da Ponte sobre o Rio Doce, em 1928, como fatores de seu crescimento disperso, determinado pelas vias de transporte.

A pesquisa revelou que os estilos arquitetônicos, bem como os traçados geométricos presentes nas fachadas dos edifícios históricos remetentes à formação e crescimento do município, parte tem desaparecido de forma lenta e gradativa de algumas obras. Outros têm passado por total ou parcial descaracterização, causando, naqueles que já aprenderam a preservar, um sentimento de perda visual da história local.

Nota-se também que a falta de revitalização dos prédios históricos tem acarretado situações para a desvalorização dos imóveis, em nível de patrimônio; nessas circunstâncias, as leis que dizem respeito ao assunto precisam ser executadas rigorosamente e coordenadas por indivíduos que sejam aptos para tal e tenham um comprometimento com a história. Talvez a falta de esclarecimento sobre a restrição dos bens históricos tenha contribuído para esse agravante.

Infelizmente, na Prefeitura Municipal de Colatina, não há ainda, órgãos, setores ou instituições, responsáveis pelos registros documentais, recuperação, repriminção, catalogação, mapeamento, restauro ou manutenção do patrimônio municipal, aplicando-se a gravidade das ausências documentais de edificações ou quaisquer identificadores culturais da cidade, prejudicando a manutenção da memória cultural local.

Diante de tudo o que foi exposto, podemos concluir que a falta de informações sobre as obras tornou o trabalho mais árduo, o que reforça a importância da criação de um banco de informações patrimoniais no Município. Conseqüentemente, nota-se

que o patrimônio histórico ora apresentado ainda é uma inesgotável fonte de pesquisa social e econômica, como citado anteriormente, não pelo que somente foi, mais pelo que cada obra representa atualmente. Principalmente socialmente, pois neles estão inseridas a história colatinense, atuada com os mais diversificados atores. Porém o que mais tem se destacado é a falta de preservação desse patrimônio, o bem cultural que tanto representa a sociedade colatinense.

## REFERÊNCIAS

CHOAY, Françoise. **A Alegoria do Patrimônio**. Tradução de Luciana Vieira Machado. 5ª ed. São Paulo: Estação Liberdade/UNESP, 2006.

COÊLHO, Wilson (Org.). **Hospital Dr. Sívio Ávidos: 55 anos de história**. 1ª ed. Vitória: Instituto Estadual de Saúde Pública, 2004.

COSTA, A. L. R. M. F. DA et al. **Arquitetura Modernista sem Documentação: um caso para repriminção**. In. SEMINÁRIO IBERO-AMERICANO, 4, 2015, Belo Horizonte. Arquitetura e Documentação. Belo Horizonte: Centro Universitário de Minas Gerais, 2015, s/p.

LYNCH, Kevin. **A Imagem da Cidade**. Trad. Jefferson Luiz Camargo. 3ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

MADURO, Luiz Carlos. **A história de Colatina contada por Ceciliano Abel**. Nossa. Colatina, ano 18, n. 109, p. 10-11, dez. 2001.

\_\_\_\_\_. **Biblioteca Pública Municipal: sonho realizado**. Nossa. Colatina, ano 07, n. 43, p. 10-11, jul. 1989.

\_\_\_\_\_. **Colatina no início do século**. Nossa. Colatina, ano 06, n. 37, p. 03, out. 1988.

\_\_\_\_\_. **Colatina Velha**. Nossa. Colatina, ano 06, n. 37, p. 04-05, out. 1988.

\_\_\_\_\_. **Com a Maria Fumaça Colatina progredia**. Nossa. Colatina, ano 07, n. 45, p. 18, out. 1989.

\_\_\_\_\_. **CVRD doa área para lazer, esporte e cultura**. Nossa. Colatina, ano 03, n. 17, p. 48-49, set. 1985.

\_\_\_\_\_. **Igreja Matris**. Nossa. Colatina, ano 07, n. 45, p. 60, uot. 1989.

\_\_\_\_\_. **Morro das Cabritas**. Nossa. Colatina, ano 07, n. 45, p. 50, uot. 1989.

\_\_\_\_\_. **No início predominavam os vapores**. Nossa. Colatina, ano 18, n. 109, p. 12-13, dez. 2001.

\_\_\_\_\_. **Nossa História**. Nossa. Colatina, ano 18, n. 109, p. 26-27, dez. 2001.

\_\_\_\_\_. **Patrimônio Histórico**. Nossa. Colatina, ano 07, n. 45, p. 66, uot. 1989.

\_\_\_\_\_. **PMC prepara importante área de lazer**. Nossa. Colatina, ano 06, n. 42, p. 15, jun. 1989.

NARDI, Letícia. **Centro Histórico: entre a preservação e a dinâmica urbana**. 1ª ed. Curitiba: Appris, 2015, 235 p.

RIBEIRO, Lucílio da Rocha. **Contribuição à História da Imigração Italiana no Município de Colatina.** ed. Vitória: Tupinambá, 1986. 257 p.

\_\_\_\_\_. **Pequena Contribuição à História da Estrada de Ferro Vitoria a Minas.** ed. Vitória: Tupinambá, 1996.

*TEIXEIRA, Fausto. Colatina Ontem e Hoje. Colatina: Edição promovida pela Prefeitura Municipal de Colatina e Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras, 1974.*

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-266-1



9 788572 472661